

O CAMPO LEXICAL DOS SIGNOS AFRICANOS NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DOS EXCLUÍDOS EM *TOCAIA GRANDE*

Dagmar Santana de Jesus
Celina Márcia de Souza Abbade
Universidade do Estado da Bahia

1. Introdução

Por muito tempo, o Brasil, não assumiu a sua história com segurança, mas atualmente, vive um momento de intensificação de pesquisas e lutas de valorização e disseminação de suas identidades. E após tantas discussões sobre a formação do português brasileiro, percebe-se a relevante contribuição do legado africano como um dos elementos fundamentais da identidade.

Do início da colonização à atualidade, um longo e doloroso percurso se seguiu na construção de uma sociedade que reconhecesse sua identidade, fruto de vários povos, e valorizasse as diferenças. Trabalhar para que as contribuições recebidas não sejam vistas apenas como folclore, mas como características identitárias. Não é possível ver a cultura dissociada da identidade de um povo.

Na estruturação da teoria dos campos lexicais é, há uma necessidade de trabalhar a lexia no contexto para resgatar a história de um povo, seu modo de agir e pensar. A lexia é uma palavra carregada de significação social, sendo externa e referencial. Ela é fruto das relações do indivíduo com o outro e com o mundo. Nessa relação, o léxico é a relíquia que deslumbra os olhos dos pesquisadores, pois a partir dele, é possível trilhar pelo mapa genético da identidade cultural desse povo. Delimitar o significado de uma lexia, sem observar o contexto em que é usada, se torna uma compreensão tortuosa de ver o mundo.

Com a diáspora, as línguas africanas, destacando-se o banto e o Yorubá, foram incorporadas à língua do colonizador, o português. Nesse contexto de mistura, o povo brasileiro, a partir do encontro forçado de etnias, ganha sua diversidade linguística e cultural. No entanto, há uma lacuna entre conhecer essas origens e reconhecê-las como características identitárias, pois o desprestígio e a vergonha foram marcados a ferro, na alma. O Brasil não assumiu essa herança nem, tão pouco, a sua história, jogando à margem todos aqueles que eram frutos dessa origem, cuja voz e as dores não ecoavam, os estereótipos eram criados e impregnados ao seu ser.

Neste momento, as contribuições africanas e o discurso dos vencidos podem ser observados através de uma pequena amostra de lexias levantadas em *Tocaia grande: a face obscura*, de Jorge Amado, fruto do projeto de pesquisa vinculado ao PPGEL – UNEB, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Celina Márcia de Souza Abbade, utilizando, da parte lexicológica, a teoria dos campos lexicais, proposta por Eugênio Coseriu (1977), é feito um estudo diacrônico estrutural dos signos africanos presentes na obra, sentindo e saboreando, entre línguas, a riqueza legada não só ao povo baiano, mas ao Brasil. Em relação às influências africanas no contexto baiano, a fundamentação teórica essencial e da Etnolinguista Yeda de Pessoa Castro (2005/2001).

A resistência para tratar de questões relativas às línguas africanas no Brasil começa antes de tudo pelo prestígio atribuído à escrita em detrimento da oralidade, a partir de uma pedagogia, vigente no mundo ocidental, que sempre privilegiou o ler e o escrever diante da não mais antiga arte do falar e do ouvir. (CASTRO, 2001, p. 65)

Ler Amado é desvelar um Brasil negado e mergulhado em pedidos de socorro cobertos pelo racismo e politicagem, acompanhando seus personagens de todas as classes, cores e falares. É possível um deslumbramento e constatação de como a literatura onde o povo está presente e sua fala é a uma marca essencial na construção de identidade diferenciada, serve não só para que o leitor transcender em seus mergulhos literários mas para estudos ilimitados e em todas as áreas, pois a literatura amadiana é um patrimônio brasileiro e traduz a formação de um povo e sua diversidade linguística e cultural. Trazendo o léxico estigmatizado, principalmente de origem africana, ao cotidiano dos leitores.

De qualquer maneira, a linguística, que já prestou um bom serviço à história da África, deve desvencilhar-se de início do desprezo etnocentrista que marcou a linguística africana elaborada por A. W. Schlegel e Auguste Schleicher, segundo a qual “as línguas da família indo-europeia estão no topo da evolução, e as línguas dos negros, no ponto mais baixo da escala, apresentando estas, entretanto, o interesse de – segundo alguns – revelar um estado próximo ao estado original da linguagem; em que as línguas não teriam gramática, o discurso seria uma seqüência de monossílabos e o léxico estaria restrito a um inventário elementar. (KI-ZERBO, 2007)

Não se pode cometer erros grotescos em relação ao passado de um povo, marginalizando suas tradições, desrespeitando a sua língua e a sua cultura. O linguista precisa despir-se desse olhar falho para passar a valorizar o passado desse povo em todas as estâncias, com respeito.

Na análise do *corpus*, foi observada a importante contribuição do legado africano na formação do português do Brasil, com os macrocampos levantados (religiosidade, objetos, partes do corpo, culinária, lugares e terra) e os seus respectivos microcampos. O

corpus é composto de causos que vão sendo contados, sem uma linearidade temporal, com quinhentos e cinco páginas, editado em 1984, pela editora Record.

É fundamental observar o modo como os enunciados questionam e desconstruem os estereótipos impregnados na alma dos baianos. Ao trazer argumentos em que se problematizam os limites entre ficção e realidade, trazendo para o centro das discussões diversas temáticas. Ao se opor às representações oficiais e muitas vezes eurocêntricas da história, narrando do ponto de vista dos vencidos, Jorge Amado segue o caminho percorrido por vários autores latino-americanos. Cada personagem é autônomo, portador de uma história, visão de mundo, lugar e voz próprios.

Digo não quando dizem sim em coro uníssono. Quero descobrir e revelar a face obscura, aquela que foi varrida dos compêndios de História por infame e degradante; quero descer ao renegado começo, sentir a consistência do barro amassado com lama e sangue, capaz de enfrentar e superar a violência, a ambição, a mesquinhez, as leis do homem civilizado. Quero contar do amor impuro, quando ainda não se erguera um altar para a virtude. Digo não quando dizem sim, não tenho outro compromisso. (AMADO 1984, p. 15)

Percebe-se que Jorge Amado, tendo a intenção de aproximar os excluídos da realidade social, ao trazê-los para mais próximo do público, reforça a ideia do respeito às diferenças, pondo abaixo o dito modelo da sociedade, a elite baiana, retirando o véu que encobria as mazelas desta sociedade: corrupção, adultério, ganância, mortes por encomenda, além de outros. Passando para o auditório, que os excluídos são tão importantes quanto qualquer outro cidadão, e desvelando o lado da história contada apenas pela classe dominante. Além disso, deve-se ressaltar que o orador utiliza os excluídos como modelo e antitemodelo, simultaneamente.

Os “mestiços”, os terreiros de candomblé e seus seguidores, sempre marginalizados e perseguidos, faziam parte do autor, pois ele escrevia o que vivia. Devido a convivência com os trabalhadores do cacau e com o povo ampliou sua visão de mundo, consciência social e racial. Em *Tocaia grande: a face obscura*, as narrativas contemplam os excluídos (bandidos, retirantes nordestinos, ex-escravos e raparigas).

Segundo Ki-Zerbo (2005), “a tradição oral aparece como repositório e o vetor do capital, descrições socioculturais acumuladas pelos povos ditos sem escrita: um verdadeiro museu vivo”, forte demonstração de como a oralidade está atrelada à importância do idoso como vínculo vital na transmissão das tradições. Coloca ainda que é importante não só conhecer todo o legado oral dos anciãos, mas preservá-lo.

Há uma estreita relação entre a vida e a obra do autor, que foi um dos doze Obás¹ da Bahia. Tinha amizade com o mestre capoeirista Pastinha, o pai-de-santo Procópio, Joãozinho da Gomeia, Mãe Menininha do Gatois, entre tantos outros representantes da cultura popular e cânones. Sua vida política, tão intensa, é marca preponderante em suas obras. Tem sua vida marcada pelas tocaias, desbravamento de terras, lutas envolvendo o cacau, nascimento e desenvolvimento de cidades, fugas, convívio com a consciência social e racial. Sua vida está marcada em muitas de suas obras e Tocaia Grande expressa um ápice da valorização da identidade cultural baiana.

O autor resgata na fala, o grito dos vencidos, os mandos e desmandos dos coronéis, a luta pela vida, as marcas da ancestralidade, através do regionalismo e empréstimos linguísticos. Na maioria das suas obras, a região cacauera, situada na Bahia, serve de cenário e teve grande importância econômica para o Brasil por causa da larga plantação de cacau.

O *corpus*, rico em narrativas que contemplam a construção do eu dos excluídos. Os personagens que acompanham do nascimento de Irisópolis, cidade fictícia, fonte dos sete pecados capitais (gula, cobiça, inveja, ira, luxúria, preguiça e vaidade). Terra marcada por sangue, delimitada pelo Capitão Natário da Fonseca para ser uma cidade. Há o surgimento de uma sociedade onde os excluídos, mestiços plenos de força e voz, constroem uma relação social diferenciada e com cumplicidade. Assim como em Canudos, a luta pela terra é questão de sobrevivência, conquista social, busca por justiça e igualdade. Apresentando a formação de uma sociedade e o seu extermínio. Retrata os vários conflitos existentes até hoje no Brasil.

[...] a obra de Jorge Amado põe o povo no centro de seu próprio processo de criação e análise, numa literatura em que o povo é ator e não mais assunto, assumindo foros de consciência de seu estar num mundo de opressões e injustiças. (ARAUJO, 2003, p.15)

Na obra, há uma desmitificação de construções identitárias que giram em torno dos excluídos, principalmente da região cacauera. Nela, os coronéis não têm fala significativa, servindo apenas como figura de esteio. Os excluídos, personagens principais, são figuras fortes e representam uma maioria desprivilegiada como tropeiros, jagunços, raparigas, pedreiros, ferreiros, além de tantos outros que representam os vencidos.

O homem recorre à nomeação, e suas escolhas lexicais expressam o comportamento social, histórico, cultural e linguístico, revelando sua identidade cultural.

¹ Rei, chefe, título hierárquico de doze “ministros” de Xangô.

Delimitar o significado de uma lexia, sem observar o contexto em que é usada, se torna uma compreensão tortuosa de ver o mundo. Isso porque a lexia é uma palavra carregada de significação social, sendo externa e referencial. Ela é fruto das relações do indivíduo com o outro e com o mundo. Nessa relação, o léxico é a relíquia que deslumbra os olhos dos pesquisadores, pois a partir dele, é possível desenvolver o mapa genético da identidade cultural desse povo.

Para Bechara (2009, p. 387), “campo léxico é uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que se repartem numa zona de significação comum e que encontram oposição imediata umas com as outras”. Observa-se então, que as lexias não podem ser analisadas sem um confronto com as suas vizinhas, já que fazem parte de um todo.

Com esse estudo, na perspectiva da linguística diacrônica estrutural, há uma visão de conjunto com muito mais coerência do que a simples organização alfabética das lexias. Possibilitando assim, descobertas sobre a região cacaueteira, conhecendo as crenças, as ideologias, e o contexto histórico, mostrando a identidade dos excluídos, que compõem uma pequena parte do acervo vocabular da Bahia.

As lexias encontradas estão com seus conceitos e a grafia que foram utilizadas no período, organizadas de acordo com o aparecimento no *corpus* e não de forma alfabética. Por ser uma unidade significativa, a lexia precisa ser analisada no contexto, visto que depende das suas vizinhas conceituais, como coloca Abbade (2006).

Uma amostragem da possibilidade real de se fazer um estudo estrutural da língua na perspectiva da linguística diacrônica estrutural, oferecendo uma visão de conjunto com muito mais coerência do que a simples organização alfabética das lexias.

CAMPO LEXICAL	EXEMPLOS
Religiosidade	<i>Orixás, Objetos, Vestuário, Alimentos</i>
Objetos	<i>De uso pessoal, De trabalho, De uso doméstico, Armas</i>
Culinária	<i>Pratos, legumes, Frutas, verduras, carnes</i>
Terra	<i>Fauna, Flora, Gentílicos, Termos Pejorativos, termos valorativos, Termos desvalorativos</i>
Corpo	<i>Partes do corpo, sexualidade</i>

Os macrocampos levantados (religiosidade, objetos, partes do corpo, culinária, lugares, corpo e terra) com os seus respectivos microcampos fazem parte da construção identitária dos excluídos. Não é apresentada a quantificação das lexias, serão

apresentados aqui, apenas dois microcampos: a) *orixás* (religiosidade); e *partes do corpo* (corpo) como amostra do tipo de metodologia seguida com a pesquisa. Lexias que são estigmatizadas por serem de origem africana.

1. Microcampo dos Orixás

ORIXÁ (kwa) –s. m 1. designação genérico das divindades do panteão iorubá ou nagô-queto.

“No terreiro onde zelava pelos orixás, num coqueiral entre Pontal e Olivença [...] (p. 64)

“Os **orixás** viviam no peji, deuses poderosos e paupérrimos.” (p.198)

IEMANJÁ (kwa)(BR) – s. f. o orixá do mar.

“[...] arco-e-flecha de Oxóssi, abebês de Oxum e **lemanjá**, machado de duas cabeças de Xangô.” (p. 65)

XANGÔ (kwa) –s, orixá dos raios e do trovão, rei-herói do povo ioruba.

“Aproveitaria para dar comida às cabeças, aos seus santos protetores, **Xangô**, seu pai, Oxóssi e Oxalá.” (p. 305)

“**Xangô** ou Oxóssi, o negro Tição Abduim atravessou a planura armado de faca do mato e de escopeta.” (p.177)

OXALÁ (kwa) a divindade suprema da criação, o pai de todos os orixás.

“[...] oferenda quem sabe de **Oxalá**.” (p. 178)

OXUM (kwa) s. m. orixá que comanda os rios e todas as águas doces.

“Epifânia de **Oxum**, mulher de Oxóssi e de Xangô.” (p. 178)

EXU (kwa) –s. m. divindade nagô-queto, mensageiro dos orixás.

“**Exu** não falta a quem goza de sua estimação.” (p. 195)

IANSAN / IANSÃ (Kwa) (*BR)-s. f. orixá do fogo, trovão e tempestade, uma das três esposas de Xangô.

“em certas horas mais parecia filha de **lansan**[...]” (p. 199)

OBALUAIÊ/OBALUAÊ (kwa) s. m orixá da varíola, tido como Omulu jovem.

“Declarava-se filha de **Obaluaiê**, o Velho.” (p. 200)

OXÓSSI (kwa) s. m. orixá da caça, protetor dos caçadores.

“No recesso da floresta, trazido pelos escravos no porão dos navios negreiros, **Oxóssi**, dono da mata e dos animais [...]” (p. 74)

“Okê, **Oxóssi!** — rei de Quetu, dono da floresta, caçador [...]” (p. 308)

OMOLU (kwa) –s. orixá da varíola, equivalente a S. Lázaro.

“Precisa fazer um despacho para **Omolu**, o velho, também conhecido por Obaluaiê [...]”
(p. 304)

“Cantaram as cantigas de **Omolu**.” (p. 307)

OGUM (kwa) s. m. divindade do ferro e da guerra.

“Epifânia de **Ogum**, ekede apta a acolher os encantados [...]” (p. 414)

2. *Microcampo das partes do corpo*

CABAÇO (banto) s. m. o hímen, a virgindade da mulher.

“[...] em Tocaia Grande, o **cabaço** da noiva proposta e as quenturas da viúva oferecida [...]” (p.128)

FIOFÓ (banto) s. m. ânus.

“[...] à bebedeira de Janjão desejoso de regalar-se com o **fiofó** [...]” (p.167)

“a rapariga desaparecera, certamente em busca de paisagens menos adversas onde pudesse rebolar em paz o cobiçado **fiofó**.” (p. 190)

XIBIU (kwa/banto) s. m. vulva, partes genitais da mulher.

“Também não podia exigir que ela trancasse a cadeado o **xibiu** — um abismo!” (p. 38)

“Que gosto teria o **xibiu** de uma cigana?” (p. 107)

BUNDA (banto) s. m. nádegas, traseiro.

“O Capitão reparou na coxa maciça, percebeu a curva da **bunda** [...]” (p. 54)

“[...] o coronel Demostinho corria a mão na nobre **bunda** de Ludmila Gregorióvna e lhe sussurrara, o bafo fazendo cócegas no cangote [...]” (p. 466)

XOXOTA (banto) s. m. a vulva, clitóris.

“[...] a **xoxota** de Aruza jamais se repetia.” (p. 135)

“Assim novinha, a **xoxota** em flor, sem ter tido tempo de pegar doença [...]” (p. 335)

As *lexias*, extraídas do *corpus*, permitem conhecer a luta pela posse da terra, a construção de identidades, diversidades culturais, violência sexual, discriminação racial e social, além das consequências que envolvem a diáspora e a escravidão. Percebe-se que o autor utiliza-se do léxico, na voz dos excluídos, para mostrar que o legado africano não deve ser estigmatizado, pois o português do Brasil é fruto dessa transformação linguística.

Considerações Finais

Utilizando como *corpus* Tocaia grande: a face obscura, de Jorge Amado, obra que contempla os “excluídos”, personagens que desenvolvem papel central na construção de

uma identidade multicultural, foi feita uma análise léxico-semântica no regionalismo e na construção do “eu” desse povo. Cada povo traz em sua bagagem vocabular a forma como lida com o mundo. O campo lexical signos africanos em *Tocaia Grande: a face obscura*, de Jorge Amado, apresenta uma pequena parte da estruturação do vocabulário relativo à região cacauzeira, na Bahia. Para isso, tornou-se fundamental tomar como base de sustentação do trabalho, a teoria dos campos lexicais e semânticos de Eugênio Coseriu (1977), além dos conhecimentos sobre a influência das línguas africanas de Yeda Castro (2001).

Os dados servem de fonte de pesquisa para estudiosos de várias áreas, pois traz, através das lexias, a história de um povo, sua forma de pensar e agir, seus conceitos à época, pode ser descoberto e recriado. Vivenciar esse período, sua vestes, sua terra, seus traços linguísticos fazem com que, o povo estudado, permaneça e possa servir de comparação para observar mudanças prováveis.

Logo, é apresentado aqui os orixás (Iemanjá, Oxóssi, Xangô, Oxalá, Oxum, Exu, Iansã, Obaluaê, Omolu e Ogum) e seus abebês, para percorrer a alma do baiano, degustando a moqueca das lexias complementada por uma salada com maxixe, jiló, quiabo, banana e abóbora. Cavalgar com os jagunços, os capangas e os capatazes, tomando água na moringa, fumando cachimbo e tomando cachaça. Atacado de banzo, sem xingar, nem derrubar a canga, para deixar a capanga cheia de conhecimento. E para romper os preconceitos, redescobrir as partes do corpo como a bunda, fiofó, o xibiu, xoxota e cabaço. No xirê da diversidade linguística e cultural, mais uma página da história do Brasil vai ganhando rosto e se apresentando ao mundo sem vergonha de suas raízes.

20 ANOS DE INTERFACES BRASIL-CANADÁ

Referências

24 A 26 DE OUTUBRO 2011 | SALVADOR - BAHIA - BRASIL

- ABBADE, Celina Márcia de Souza (2006). O estudo do léxico. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos(Org.). **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, p.213-225.
- AMADO, Jorge (1984). **Tocaia Grande: a face obscura**. . Rio de Janeiro: Record.
- ARAUJO, Jorge de Souza (2003). . Dioniso & cia. na moqueca de dendê: desejo, revolução e prazer na obra de Jorge Amado. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Salvador, Ba: Academia de Letras da Bahia.
- BECHARA, Evanildo (2009). Estudo estrutural do léxico: a lexemática. In: id. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna.
- CASTRO, Yeda Pessoa de (2005 [2001]). **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. 2. Ed. Rio de Janeiro ABL Topbooks.
- COSERIU, Eugenio (1977). **Princípios de semântica estrutural**. Vers. esp. de Marcos Martinez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos.

KI-ZERBO, Joseph (1999) **História da África negra**. Viseu: Publicações Europa-América.

RESUMO:

A literatura amadiana é a maior disseminadora da cultura brasileira, além de promover o diálogo intercultural. Em suas obras, Jorge Amado, escrevia a realidade, apresentando, ao mundo, um Brasil rico em diversidade linguística e cultural. Há várias representações que percorrem o imaginário social em qualquer parte do mundo. O legado africano, destacando-se o banto e o ioruba, que foi herdado com a diáspora e incorporado à língua do colonizador, o português. As contribuições podem ser observadas através das escolhas lexicais feitas por Jorge Amado ao escrever suas obras. Em *Tocaia grande: a face obscura*, a partir da teoria dos campos lexicais, proposta por Eugênio Coseriu (1977), é feito um estudo diacrônico estrutural dos signos africanos, presentes na obra, que auxilia na construção identitária diferenciada dos “excluídos”. É feito um passeio para sentir e saborear, entre línguas, a riqueza legada ao povo brasileiro com toda a sua riqueza humana, linguística, cultural e religiosa. A fundamentação teórica é complementada com Yeda Castro (2001), que aborda a forte influência dos falares africanos na Bahia. Trata-se igualmente de desenvolver um estudo da literatura brasileira de forma articulada com a visão intercultural, que perpassa o território nacional, possibilitando uma visão dos processos de formação identitária que se desenrolaram nos continentes americanos.

Palavras-chave: Teoria dos campos lexicais. Léxico Africano. Identidade. Jorge Amado

ABSTRACT

The Amadian literature is the largest disseminator of Brazilian culture, and **promotes** the intercultural dialogue. In his works, Jorge Amado, wrote the reality, presenting to the world, a Brazil rich in linguistic and culture diversity. There are several representations of the social imaginary in many parts of the world. The African heritage, notably the Bantu and Yoruba, which was inherited with the diaspora and incorporated to the colonizer's language, Portuguese. The contributions can be observed through of the lexical choices made by Jorge Amado to writing is works. In *Stalking large: the dark side*, it was used the theory of lexical categories, proposed by Eugenio Coseriu (1977), it is gone the structural diachronic study of the African signs, presents in the *corpus*, which help in the construction of differenced identity of the excluded. It's gone a pass for feeling and savor, between languages, the richness legacy for the Brazilian people with all the your human, linguistic, cultural and religious richness. The theoretical perspective is complemented withan African Brazilian vocabulary by Castro (2005[2001]), that work the strong influence of the African speakers in Bahia. Talks about develop a study of the Brazilian literature, articulated with intercultural vision, with pervades the national territory, enabling an observation of the process of identity formation that happens in the American continents.

Keywords: Theory of lexical categories. African léxicon. Identity. Jorge Amado